



FIM  
RG

V EDIÇÃO

FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
*de* **Música**  
**Religiosa** *de*  
**Guimarães**

---

27 .03 — 3 .04 2021

---

EVENTO TRANSMITIDO EM  
[www.em.guimaraes.pt](http://www.em.guimaraes.pt)

---



A música religiosa, no sentido mais lato, representa uma parcela importante da grande música que faz parte das temporadas dos festivais de música erudita – vd. Gulbenkian, Casa da Música, concertos Promenade de Londres – nos quais se assiste a uma programação diversificada composta por Oratórias, Paixões, Missas, Salmos, Te Deum, entre outras obras renomadas. Face a esta evidência, o Município de Guimarães programou, para o período 27 de março a 3 de abril, o V Festival Internacional de Música Religiosa de Guimarães, sob a Direção Artística de Elisabete Matos e Augusto Alvarez.

Em virtude das circunstâncias provocadas pela pandemia de COVID – 19 e em conformidade com as orientações emanadas pela Direção Geral de Saúde, a presente edição apresentar-se-á ao público apenas em formato digital, na plataforma [em.guimaraes.pt](http://em.guimaraes.pt).

# PROGRAMA

27 MARÇO | SÁBADO | 21H30

**Cupertinos**

“*TRISTIS EST ANIMA MEA*”

Basilica de S. Pedro

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

28 MARÇO | DOMINGO | 21h30

**Leonor Barbosa de**

**Melo, José Carlos**

**Araújo, Nuno Cardoso**

“*AS CANTATAS E SONATAS*

*DE SCARLATTI, BACH E*

*KUHNAU*”

Capela Palatina do Paço dos

Duques de Bragança

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

30 MARÇO | TERÇA | 21h30

**Ludovice Ensemble e**

**André Baleiro**

“*O BARÍTONO NA PAIXÃO*”

Igreja de S. Domingos

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 76 min

31 MARÇO | QUARTA | 21h30

**Orquestra de Guimarães**  
**e Solistas**

“*STABAT MATER PERGOLESI*”

Igreja de S. Francisco

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

1 ABRIL | QUINTA | 21h30

**Konstantin Derri, José**

**Carlos Araújo, Nuno**

**Cardoso**

“*STABAT MATER DOLOROSA*”

Capela Palatina do Paço dos

Duques de Bragança

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

2 ABRIL | SEXTA | 21h30

**Quarteto de Cordas de**

**Guimarães**

“*O QUARTETO NA PAIXÃO*”

Igreja de Nossa Senhora da

Oliveira

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

3 ABRIL | SÁBADO | 21h30

**Dora Rodrigues,**

**Rossana Rinaldi, Marco**

**Alves dos Santos, André**

**Henriques, Cristóvão**

**Luiz**

“*ROSSINI SACRO*”

Igreja de Santo António dos

Capuchos

Classificação etária: maiores de 6

Duração aproximada: 60 min

---

DIREÇÃO ARTÍSTICA - ELISABETE MATOS E  
AUGUSTO ALVAREZ

CONCERTOS SEM PÚBLICO PRESENCIAL  
E TRANSMITIDOS NA PLATAFORMA “EM  
GUIMARÃES”, NO ENDEREÇO EM.GUIMARAES.PT



27 MARÇO | SÁBADO | 21h30

## Cupertinos

“TRISTIS EST ANIMA MEA”

**Basilica de S. Pedro**

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

### PROGRAMA

“Tristis est anima mea”

#### 1ª parte

Pedro de Cristo (c.1550-1618)

Miserere mei Domine

In monte oliveti

Tristis est anima mea a 8\*

Unus ex discipulis meis\*

Omnes amici mei\*

Tenebrae factae sunt

O vos omnes\*

Lamentationes 1:1-5\* [Aleph.

Quomodo sedet sola]

#### 2ª parte

Vexilla regis\* - Anónimo (sécs. XVI/XVII)

Magnificat\* - [Francisco Guerrero (1528-1599)]

Missa de Quadragesima\* - Pedro da Esperança (m.1660)

Kyrie

Sanctus & Benedictus

Agnus Dei

\* obras inéditas

### FICHA ARTÍSTICA

**Cantus** - Eva Braga Simões, Raquel Mendes

**Altus** - Gabriela Braga Simões, Laura Lopes

**Tenor** - Luís Toscano, André Lacerda

**Bassus** - Pedro Silva, Nuno Mendes

**Direção Musical** - Luís Toscano

## **SINOPSE**

A primeira parte do concerto é preenchida com obras de D. Pedro de Cristo (Coimbra, 1545/50- Coimbra, 12 de Dezembro de 1618), um dos mais notáveis elementos da Escola do Mosteiro de Santa Cruz.

A segunda parte do concerto - depois da obra “Vexilla regis”, de autor anónimo, inserida no período Maneirista - ouviremos um Magnificat, de Francisco Guerrero e uma Missa da Quadragésima, de Pedro da Esperança.

## **BIOGRAFIA**

### **Cupertinos**

Nascido no seio da Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão, em 2009, o grupo vocal Cupertinos dedica-se quase em exclusivo à música portuguesa dos séculos XVI e XVII, alicerçada num núcleo de compositores de renome mundial como Duarte Lobo (c.1565-1646), Manuel Cardoso (1566-1650), Filipe de Magalhães (c.1571-1652) ou Pedro de Cristo (c.1550-1618).

Com uma média anual superior a quinze concertos, os Cupertinos apresentaram já cerca de duas centenas e meia de obras, incluindo mais de cem inéditos. Numa abordagem performativa sem precedentes, vários destes inéditos têm sido transcritos a partir das fontes originais pelos próprios elementos do grupo sob a supervisão do seu diretor musical, Luís Toscano, e do Prof. Doutor José Abreu (Universidade de Coimbra e ESMAE).

Além do Festival Internacional de Polifonia Portuguesa, do qual são anfitriões, os Cupertinos têm participado em conceituados festivais de música, nomeadamente II e VI Ciclo de Requiem de Coimbra, I Festival Internacional de Música Religiosa de Guimarães, IX Ciclo de Música Sacra da Igreja Românica de São Pedro de Rates, XXII e XXV Cisternmúsica – Festival de Música de Alcobaça, Ciclo “Espaços da Polifonia”, XVIII Jornadas Polifónicas Internacionales “Ciudad de Ávila”, West Coast Early Music Festival e Bolzano Festival Bozen. Após a estreia no Reino Unido, em fevereiro de 2020, na série de concertos “Choral at Cadogan”, futuros compromissos incluem a apresentação no Wigmore Hall, no Festival “Tage Alter Musik” em Regensburg - e na Estónia no “Haapsalu Early Music Festival”.

Crescentemente reputados como verdadeiros embaixadores da Polifonia Portuguesa, os Cupertinoos viram este epíteto reforçado com o lançamento dos seus trabalhos discográficos dedicados a Manuel Cardoso e Duarte Lobo. Editados pela prestigiada etiqueta Hyperion, estes CDs são presença assídua nas rádios clássicas por toda a Europa e têm sido aclamados na imprensa da especialidade (BBC Music Magazine, Gramophone, Choir & Organ, Chorzeit). Os Cupertinoos conquistaram o primeiro galardão com a inclusão na “Bestenliste” da “deutscher Schallplattenkritik” e foram distinguidos nos *Gramophone Classical Music Awards* 2019, vencendo na categoria de “Música Antiga”.

### **NOTAS AO PROGRAMA**

A atividade da Escola de Évora e do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra fizeram com que a polifonia portuguesa atingisse nos finais do século XVI, e primeiras décadas do seguinte, período Maneirista, um esplendor que dificilmente seria igualado em outro período da música no nosso país. Portugal integrou nessa época durante 60 anos o maior Império europeu da altura e, depois disso, teve a felicidade de ter, no primeiro Bragança coroado, um monarca amantíssimo de música.

O mosteiro de Santa Cruz manteve pelo menos até aos finais do século XVII esse esplendor, mantendo na sua Escola um conjunto notável de cantores, instrumentistas, compositores e teóricos. A primeira parte do concerto é preenchida com obras de um dos seus mais notáveis elementos: D. Pedro de Cristo (Coimbra, 1545/50 – Coimbra, 12 de dezembro de 1618).

Verdadeiro homem do Renascimento, D. Pedro de Cristo - cujo nome secular era Domingos - pode ser considerado um dos maiores polifonistas do século XVI, no domínio da música religiosa. A sua vasta obra vocal polifônica, de 3 a 6 vozes compreende inúmeros motetos, responsórios, salmos, missas, hinos, paixões, lamentações, versos aleluiáticos, cânticos e vilancicos espirituais. Passou a maior parte da sua vida no Mosteiro de Santa Cruz, onde tomou hábito em 1571. Foi titular do cargo de Mestre de capela a partir de 1597, sendo simultaneamente professor de música, cantor e tangedor de vários instrumentos, nomeadamente teclas, harpa e flauta. Exerceu também atividade no Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, pertencente à sua congregação. Morreu em Coimbra, em 16 de Dezembro de 1618.

As suas obras, elaboradas com simplicidade e elegância, mantinham a técnica quatrocentista de influência flamenga, mas libertavam-se dos apertados esquemas de imitação nas linhas melódicas. O resultado era um contraponto de construção sóbria, afastada dos grandes efeitos, mas apto a realçar com clareza as palavras do texto sagrado.

No “Rol dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, da autoria de D. Gabriel de Santa Maria, lia-se que D. Pedro de Cristo “deixou muita música composta e particularmente tinha graça pera *chansonetas*, e música alegre e por tal era buscado de todos os mosteiros de freyras e de frades (...) Deixou muitas saudades, e muitos amigos por que todos lhe querião muito”.

A causa da morte também era indicada:

“...levou nosso senhor pera si ao padre Dom Pedro de Christo mestre de capella deste mosteiro sendo já ansião, ordenou-se lhe a morte de huã queda que deu na claustra do silencio defronte da portaria, e deu com a cabeça no pilar da claustra de que fez huã grande ferida e logo ahy ficou o sangue na mesma pedra”.

Uma das suas obras dá título ao concerto de hoje.

Na segunda parte, depois de obra – *Vexilla regis* - de autor anónimo também do período Maneirista, poderemos ouvir um *Magnificat* de Francisco Guerrero.

Guerrero foi um dos mais importantes elementos da intensa atividade polifónica que se desenvolveu no sul de Espanha na época em que temos estado situados. Teve uma vida recheada de música e aventuras. Aos 17 anos foi nomeado maestro de capilla na Catedral de Jaén e anos depois aceitou o mesmo cargo em Sevilha. Era requisitadíssimo como cantor e como compositor, estabelecendo uma enorme reputação antes de atingir os 30 anos, chegando a publicar várias coleções das suas obras no estrangeiro, o que era atípico para tão jovem compositor. Depois de décadas a viajar e a trabalhar entre Espanha e Portugal, esteve em Itália durante um ano (1581–1582). Depois de ter regressado a Espanha por alguns anos decidiu ir até à Terra Santa, o que fez em 1589. Visitou Damasco, Belém e Jerusalém e no regresso por via marítima foi atacado por piratas e viveu extraordinárias aventuras (relatadas em livro) antes de regressar ao trabalho na Catedral de Sevilha. Morreu na peste que em 1599 assolou esta cidade quando se preparava para regressar à Terra Santa. Foi dos grandes polifonistas espanhóis o que mais trabalhou em Espanha. A sua produção

dividiu-se assumidamente entre o sacro e o profano, ao contrário do que fizeram Morales e Victoria, outros dois grandes compositores espanhóis do século XVI – a par de missas, motetos e Paixões, Guerrero escreveu numerosas canções profanas e instrumentais. Conseguia criar na sua música uma incrível variedade de ambientes e esta permaneceu popular durante centenas de anos, especialmente nas catedrais da América do Sul. Estilisticamente, Guerrero prefere texturas homofónicas, tendo escrito melodias memoráveis. Interessante característica do seu estilo é o ter antecipado o uso funcional da harmonia.

Regressaremos a Coimbra com a obra de Pedro da Esperança, que nasceu no estertor do século XVI, por volta de 1598, e foi religioso da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa. Indisciplinado, foi em 1627 transferido para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, pertencente à mesma ordem, tendo-se tornado aí, como compositor e organista, elemento indispensável para a atividade musical da comunidade. Morreu na cidade do Mondego a 24 de Junho de 1660. A obra que dele subsiste é preservada atualmente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Embora tenha composto também uma Missa para a Quaresma, Pedro da Esperança é conhecido sobretudo pelos seus quatro responsórios para as matinas do Natal para vozes e instrumentos.

Nuno Mendes.



**28 MARÇO | DOMINGO | 21h30**  
**Leonor Barbosa de Melo,**  
**José Carlos Araújo, Nuno**  
**Cardoso**

*“AS CANTATAS E SONATAS  
DE SCARLATTI, BACH E  
KUHNNAU”*

**Capela Palatina do Paço dos  
Duques de Bragança**

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

### PROGRAMA

“Solitudine Amene“, A. Scarlatti  
(5’55)

“Poi che riseppe Orpheo“,  
A. Scarlatti (10’55)

Sonatas Bíblicas: Johann Kuhnau

Nº 1: “David e Golias”

Nº 2: “A cura de de Saul por via da  
Harpa de David”

“Andate o miei sospiri“,  
A. Scarlatti (10’33)

“Flösst mein Heiland“, J. Sebastian  
Bach (5’50)

### FICHA ARTÍSTICA

**Soprano - Leonor Barbosa de Melo**

**Cravo - José Carlos Araújo**

**Violoncelo - Nuno Cardoso**

## **SINOPSE**

Cantata é um tipo de composição vocal de carácter lírico. Roma foi o principal centro da Cantata do século XVII pelo facto de, no final deste século, terem sido suspensos os espetáculos de ópera pelo Papa Inocêncio XII nos estados Papais. Neste concerto ouviremos cantatas de Scarlatti e Bach. Ouviremos, também, das 6 Sonatas Bíblicas de Johann Kuhnau, a número 1 e 2.

## **BIOGRAFIAS**

### **Leonor Barbosa**

Licenciada e Mestre em Canto e Performance Musical pela Universidade Católica (orientada por A. Salgado e S. Serra), a soprano conimbricense já integra no seu currículo a participação em vários concertos a solo com orquestras nacionais de renome e sob a batuta de maestros de excelência, e em gravações de CDs (destacando-se a obra «Shadow Circles» de V. Mendonça com o Remix Ensemble e Pedro Neves). Angariou diversos prémios (como o primeiro prémio do concurso da Academia do Fundão). A par da sua carreira a solo, é cantora residente do Coro Casa da Música e maestra do Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra. Procurou sempre aprender com cantores de excelência como Monserrat Caballé, Elisabete Matos (com quem trabalha regularmente), Rudolf Piernay, Anna Tomowa-Sintow, entre outros.

### **José Carlos Araújo**

José Carlos Araújo estudou cravo e órgão no Conservatório Nacional, nas classes de Maria Cândida Matos e Rui Paiva. Entre as numerosas masterclasses em que participou, foram especialmente importantes as aulas com Cremilde Rosado Fernandes, José Luis González Uriol, Gustav Leonhardt e Rinaldo Alessandrini.

É membro da orquestra barroca Divino Sospiro, com a qual realizou numerosas estreias modernas de obras do séc. XVIII. Tocou também com outras orquestras e agrupamentos, entre os quais a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Ensemble MPMP, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa ou o Coro Gulbenkian. Apresentou-se com o Teatro da Cornucópia na produção d'A Tempestade de Shakespeare, sob a direcção de Luís Miguel Cintra.

Iniciou a coleção discográfica Melographia Portuguesa em 2012, com a gravação integral da obra para tecla de Carlos Seixas. Após os restauros do pianoforte van Casteel (1763) e do cravo Antunes (1789), realizou os concertos inaugurais de ambos os instrumentos no Museu Nacional da Música, o último dos quais em duo com Miguel Jalôto. Acompanhou também o complexo restauro do cravo Taskin de 1782 (Tesouro Nacional), processo distinguido com o Prémio de Conservação e Restauro da Associação Portuguesa de Museologia, em 2018.

Foram-lhe atribuídos o 1.º Prémio e o Prémio do Público do concurso Carlos Seixas (Sociedade Histórica da Independência de Portugal). Gravou para a RTP e para a Antena 2. Tem sido favoravelmente recebido o disco Passio Iberica, que gravou com Divino Sospiro, distinguido com 5 estrelas pela revista Musica (2019). Também com esta orquestra e com o flautista António Carrilho estreou obras de Nuno da Rocha, lançadas em CD em 2019 (O que será do rio?, MPMP). O seu 10.º disco, Carlos Seixas – Sonatas VIII (2020), constitui a primeira gravação do cravo Antunes de 1789, atualmente conservado na coleção instrumental do MNM e em classificação como Tesouro Nacional. Gravou também os primeiros discos a solo do pianoforte van Casteel e do órgão histórico de São Bento da Vitória, de 1719 (Porto).

Licenciou-se pela Faculdade de Letras de Lisboa, em Filologia Clássica. É investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, onde se tem dedicado ao estudo e à primeira tradução portuguesa do Epistolário de Plínio. Colabora regularmente em Euphrosyne – Revista de Filologia Clássica.

### **Nuno Cardoso**

Nuno Cardoso nasceu em Lisboa e iniciou os estudos de violoncelo na Fundação Musical dos Amigos das Crianças com Luís Estêvão da Silva e com Luís Sá Pessoa. Licenciou-se pela Academia Nacional Superior de Orquestra na especialidade de Violoncelo, onde estudou sob a orientação de Paulo Gaio Lima. Paralelamente, frequentou a Licenciatura em Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Em Portugal e no estrangeiro, tem beneficiado de masterclasses com reconhecidos mestres, como Márcio Carneiro, Xavier Gagnepain, Hans Jørgen Jensen, Jan-Erik Gustafsson ou Rainer Zipperling. No domínio da música de câmara tem trabalhado com Paul Wakabayashi, Paulo Pacheco, Olle Sjöberg e Hans Pålsson. Co-fundador do MPMP – Movimento Patrimonial pela

Música Portuguesa, foi também membro da Comissão de Redação da revista *Glosas*. Tem vindo a afirmar-se o duo que mantém com o pianista Duarte Pereira Martins, salientando-se os recitais nos ciclos *Um Músico*, *um Mecenas*, no Museu Nacional da Música, em Lisboa, nos violoncelos históricos de H. Lockey Hill (ca. 1800, Coleção Suggia) e J. J. Galvão (1769, Coleção Real), atualmente conservados naquela coleção instrumental. Na Suécia, trabalhou interpretação de música barroca com Peter Spissky e efetuou os estudos de Mestrado em Violoncelo na *Musikhögskolan i Malmö* da Universidade de Lund, na classe de Torleif Thedéen. É membro fundador do quarteto com piano *Kvar Ensemble*.

### **NOTAS AO PROGRAMA**

Cantata (particípio passado substantivado do verbo italiano "cantare") é um tipo de composição vocal de carácter lírico, usualmente estruturada em vários andamentos, escrita para uma ou mais vozes, às vezes também com coro, com acompanhamento instrumental, de inspiração religiosa ou profana. Surgida em Itália no século XVII, tendo evoluído paralelamente à ópera e à oratória, era executada sem cenários ou figurinos. Não sendo destinada ao teatro, opunha-se ao carácter narrativo e dramático da oratória e os seus textos escolheram preferencialmente descrições de situações psicológica. Foi cultivadíssima durante todo o Barroco. Durante o Classicismo e o Romantismo o género foi menos explorado. Só no século XX, com a sua paixão por revisitações, lhe deu de novo importância.

Roma foi o principal centro da Cantata no século XVII, até pelo facto de nos finais desse século o papa Inocência XII ter suspenso os espetáculos de ópera nos Estados Papais. Os compositores procuraram então o mecenato de nobres que, aproveitando a proibição, os contrataram para produzir espetáculos privados. O desenvolvimento posterior da cantata italiana ficou em grande parte nas mãos de compositores napolitanos.

Pietro Alessandro Gaspare Scarlatti (1660 –1725) foi um dos mais importantes compositores italianos barrocos, especialmente recordado pela sua extensa e brilhante carreira operática e pelo não menos extenso número de cantatas de câmara, que era o género mais intelectual da música de câmara na época. Compôs cerca de 600 delas, por vezes escritas à razão de uma por dia, muitas permanecendo ainda em manuscrito. Foi pai do compositor Domenico Scarlatti, que esteve

em Portugal vários anos ao serviço da nossa corte como professor de música de D. Maria Bárbara, filha de D. João V.

É considerado como um dos mais importantes cultores de Cantatas, tendo ajudado a fixar-lhes a forma. A leveza das suas longas melodias, as suas arias de capó frequentemente difíceis, os seus recitativos muito expressivos provam um inegável talento melódico e um dom apurado da harmonia como meio de expressão artística. Nas suas primeiras cantatas a distinção entre recitativo e ária tornou-se mais clara e o número de seções diminuiu. Nas obras posteriores a 1700 Scarlatti estabilizou a estrutura em duas ou três árias de capó separadas por recitativos. Este tipo foi cultivado por outros italianos, como Bononcini, Vivaldi, Marcello e mesmo por Handel durante a permanência deste compositor alemão em Itália (1705/6-10). Nascido em Palermo, cidade maior do reino da Sicília, Alessandro teve o mundo a seus pés. Foi maestro di cappella em Roma da Rainha Cristina da Suécia, foi maestro di cappella do vice-rei de Nápoles, gozou do patronato de Ferdinando de' Medici, foi maestro di cappella do Cardeal Ottoboni, que fez com que obtivesse posto similar na Basilica di Santa Maria Maggiore em Roma. Morreu em Nápoles em 1725.

O alemão Johann Kuhnau (1660 –1722), hoje principalmente conhecido como compositor, foi também novelista, tradutor, homem de direito e teórico da música. Conseguiu combinar todas estas atividades com o cargo oficial de Thomaskantor em Leipzig, que ocupou durante 21 anos, tendo sido sucedido por Johann Sebastian Bach.

Grande parte da sua produção musical que inclui óperas, missas e outras obras vocais de grande envergadura está perdida e a sua reputação hoje baseia-se principalmente nas quatro coleções de música para tecla que publicou entre 1689 e 1700. Particularmente importante é o último volume (que inclui um prefácio onde se explora a ideia de música de programa) intitulado *Musicalische Vorstellung einiger biblischer Historien*, popularmente conhecido como “Sonatas Bíblicas”. São seis sonatas, cada uma delas dedicada a uma história bíblica e estruturadas em vários andamentos contrastantes:

- A luta entre David e Golias
- A cura de Saul por via da harpa de David.
- O casamento de Jacob
- Doença e cura de Ezequias
- Gideon, Salvador de Israel
- A morte de Jacob e o seu funeral.

Ouviremos as duas primeiras. Kuhnau usa curiosamente uma série de efeitos de grande eficácia para descrever os acontecimentos narrados, bem como os estados psicológicos. Estes efeitos não se limitam a alterações de textura ou harmonia, mas inclui citações de corais protestantes e imitação de árias de ópera. Numerosas obras suas - produção teatral, cantatas, peças de música ocasional - estão perdidas.

Johann Sebastian Bach, autor das monumentais Paixões e de algumas das mais marcantes obras sacras do repertório musical ocidental, deixou-nos um corpo importantíssimo de cantatas, sacras e profanas, formado por mais de 200 obras.

Na parte final do concerto de hoje ouviremos a ária “Flösst mein Heiland”, presente na quarta das seis cantatas que compõem a Oratória de Natal, monumental obra apresentada em 1734 incorporando cantatas anteriores.

Jorge Rodrigues.



30 MARÇO | TERÇA | 21h30

## Ludovice Ensemble e André Baleiro

"O BARÍTONO NA PAIXÃO"

Igreja de S. Domingos

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 76 min

### PROGRAMA

Prelúdio-Coral "Nun komm, der  
Heiden Heiland" BWV 659

Ária "Leichtgesinnte  
Flattergeister" da Cantata  
"Leichtgesinnte Flattergeister",  
BWV 181

Sinfonia da Cantata Ich hatte viel  
Bekümmernis, BWV 21

Arioso "Betrachte, meine Seele,  
mit ängstlichem Vergnügen" da  
"Paixão segundo S. João", BWV 245

Andante (2º Andamento) do  
Concerto de Brandeburgo n.4,  
BWV 1049

Ária "Ächzen und erbärmlich  
Weinen" da Cantata "Meine  
Seufzer, meine Tränen", BWV 13

Concerto da Cantata "Geist und  
Seele wird verwirret", BWV 35  
Recitativo "Der Heiland fällt vor  
seinem Vater nieder"

e Ária "Gerne will ich mich  
bequemen" da "Paixão segundo  
S. Mateus", BWV 244

(PAUSA)

Sinfonia da Cantata "Non sa che  
sia dolore", BWV 209

Ária "Ja, ja ich halte Jesum feste"  
da Cantata "Ich lasse dich nicht"  
BWV 157

Sinfonia: Presto da Cantata "Geist  
und Seele wird verwirret", BWV  
35

Ária "Doch weichet, ihr tollern,  
vergeblichen Sorgen" da Cantata

"Liebster Gott, wenn werd ich  
sterben", BWV 8

Sinfonia da Cantata "Ich steh mit  
einem Fuß im Grabe", BWV 156  
Ária "Es ist vollbracht"  
e Coral "Jesu, deine Passion" da  
Cantata "Sehet, wir gehn hinauf  
gen Jerusalem". BWV 159

#### **FICHA ARTÍSTICA**

**Baritono - André Baleiro**

**Ludovice Ensemble**

**Direção - Fernando Miguel Jalôto**

**Ludovice Ensemble:**

**Traverso, flauta - Joana Amorim**

**Oboé barroco, oboé de amor, flauta -**

**Pedro Lopes e Castro**

**Violino barroco I - Jacek Kurzydło**

**Violino barroco II - Abel Balazs**

**Viola barroca - Raquel Massadas**

**Violoncelo barroco - Diana Vinagre**

**Contrabaixo barroco - Marta Vicente**

**Órgão positivo - Fernando Miguel Jalôto**

## **SINOPSE**

Neste concerto, ouviremos as mais belas páginas escritas para a Paixão de Cristo, na voz do Barítono André Baleiro, que será acompanhado pelo agrupamento, Ludovice Ensemble.

## **BIOGRAFIAS**

### **Ludovice Ensemble**

O Ludovice Ensemble é um grupo especializado na interpretação de Música Antiga, sediado em Lisboa e criado em 2004 por Fernando Miguel Jalóto e Joana Amorim, com o objetivo de divulgar o repertório de câmara vocal e instrumental dos séculos XVII e XVIII através de interpretações historicamente informadas e usando instrumentos antigos. O nome do grupo homenageia o arquiteto e ourives alemão Johann Friedrich Ludwig (1673-1752) conhecido em Portugal como Ludovice. O grupo trabalha regularmente com os melhores intérpretes portugueses especializados, e também como prestigiados artistas estrangeiros.

Apresentou-se em Portugal nos principais festivais nacionais - nomeadamente o Cisternmúsica de Alcobaça, o Terras sem Sombra no Baixo Alentejo, os Festivais de Outono de Aveiro, o Festival In Spiritum e o Ciclo de Música de Câmara do Palácio da Bolsa no Porto, o Festival Internacional de Polifonia Portuguesa em Braga e Famalicão, o Música em S. Roque de Lisboa, os Encontros de Música Antiga de Loulé, o Festival de Órgão da Madeira, o Festival de Leiria e o Sons de Almada Velha - mas também em Viana do Castelo, Gaia, Óbidos, Castelo Branco, Évora, Almodôvar, Lagos ou Tavira. É uma presença regular nas duas principais salas de Lisboa: o CCB e a Fundação Calouste Gulbenkian e foi o grupo escolhido para representar Portugal no encontro do Réseau Européen de Musique Ancienne / REMA em 2011, na Casa da Música.

No estrangeiro apresentou-se no festival Laus Polyphoniae na Bélgica (AMUZ, Antuérpia), no festival Oude Muziek de Utrecht (Países Baixos); nos festivais de La Chaise-Dieu, Musiques en Vivarais-Lignon, e Festes Baroques de Bordéus (França); no festival de Música Barroca de Praga (República Checa); no Festival Felicja Blumental de Tel-Aviv e na Universidade Mórmon de Jerusalém (Israel); nos festivais Camiños de Santiago de Jaca, nos festivais de música antiga de Aranjuez, Daroca, Peñíscola, no Ciclo de las Artes de Lugo, no Febrero Lirico do Real Coliseo Carlos III de San Lorenzo del Escorial, na Semana de Musica

Antigua de Vitoria-Gasteiz (Espanha) e no Festival Ibérico de Badajoz. Gravou ao vivo para a RDP-Antena 2, a Rádio Nacional Checa (ČRo) bem como para o canal de televisão francês MEZZO. O seu primeiro CD, para a editora Franco-Belga Ramée/Outhere, foi nomeado em 2013 para os prestigiados prémios ICMA na categoria de Barroco Vocal.

O Ludovice Ensemble comemorou os seus 10 anos com um concerto no CCB, onde apresentou ainda uma ópera de Caccini em colaboração com o grupo belga Huelgas Ensemble/Paul Van Nevel e dois concertos dirigidos pelo famoso violinista italiano Enrico Onofri. Do seu trabalho mais recente destacam-se a apresentação no CCB de: *Le Bourgeois Gentilhomme* de Molière/Lully, das monumentais *Vésperas de Nossa Senhora de 1610* de Monteverdi, e da oratória *Cain* ovvero il primo omicidio de Scarlatti. Ao Grande Auditório da Fundação Gulbenkian levou as óperas *Idylle sur la paix* de Lully e *Les Arts Florissants* de Charpentier e um original programa de música barroca judia-sefardita. Em 2018 destacaram-se ainda três concertos no Festival de Música Antiga dos Pirenéus, um concerto de música renascentista do Festival Ibérico de Badajoz, um programa de música húngara no Festival Terras sem Sombra, e uma colaboração a convite do Ensemble Phoenix (Israel) com concertos em Jerusalém, Haifa e Telavive.

Em 2019 colaborou com o mediático Teatro Praga numa produção da obra *Timão de Atenas*, a partir de Shakespeare e Purcell, com três récitas no CCB. Estreou-se no prestigiado Festival de Música Antiga de Bruges, na Bélgica; visitou Dublin, na Irlanda, a convite da embaixada portuguesa, e regressou ao Cisternmúsica de Alcobaça, com 4 cantatas de J. S. Bach, entre vários outros concertos e recitais. Em 2020 lançou um álbum duplo do Ludovice Ensemble com 6 sonatas inéditas de C. H. Graun para flauta e cravo obrigado, pela editora inglesa Veterum Musica e estreou-se na Estónia, na Filarmonia de Tallin com o seu novo programa *Sud-Express*. Em 2021 dá continuidade a uma pequena tournée em Espanha com um programa de música renascentista comemorativo dos 500 anos da viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães; apresenta a integral da *Oferenda Musical* no Festival de Marvão; regressa ao Festival de Música Antiga de Aranjuez; e apresenta recitais de música do barroco alemão em Sintra e Aveiro. Para 2022 está agendado o regresso ao festival Felicia Blumenthal em Telavive (Israel) para uma antologia de música portuguesa desde as *Cantigas de Amigo* até Lopes-Graça.

## **Fernando Miguel Jalôto**

Fernando Miguel Jalôto completou os diplomas de Bachelor of Music e de Master of Music em Cravo no Departamento de Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação do Conservatório Real da Haia (Países Baixos), na classe de Jacques Ogg. Frequentou masterclasses com Gustav Leonhardt, Olivier Baumont, Ilton Wjuniski, Laurence Cummings e Ketil Haugsand. Estudou também órgão barroco e clavicórdio, e foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro e presentemente é Doutorando em Ciências Musicais | Musicologia Histórica na Universidade Nova de Lisboa como Bolseiro da FCT sob a orientação de Rui Vieira Nery e Cristina Fernandes. É fundador e diretor artístico do Ludovice Ensemble, um dos mais ativos e prestigiados grupos nacionais de Música Antiga. É membro da Orquestra Barroca Casa da Música (Porto) - com quem foi várias vezes solista em concertos de Seixas, J. S. Bach e C. Ph. E. Bach - e colabora com grupos especializados internacionais tais como Oltremontano, La Galanía, La Colombina, Capilla Flamenca, Collegium Musicum Madrid, Bonne Corde, etc. Apresentou-se em vários festivais e inúmeros concertos em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Reino Unido, Irlanda, Noruega, Alemanha, Áustria, Polónia, Bulgária, Israel, China e Japão. Toca regularmente com a Orquestra Gulbenkian (Lisboa) e apresentou-se com a Lyra Baroque Orchestra (Minnesota), a Real Escolania de San Lourenço d'El Escorial, a Orquestra da Radiotelevisão Norueguesa, a Camerata Academica Salzburg, a Orquestra de Câmara da Sinfónica da Galiza, a Real Filarmonia da Galiza, a Orquestra Sinfónica do Porto e a Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras. Foi membro da Académie Baroque Européenne de Ambronay (França), da Academia MUSICA de Neerpelt (Bélgica) e da orquestra barroca Divino Sospiro. Trabalhou sob a direcção dos maiores directores especializados. Gravou para a Ramée/Outhere (com o Ludovice Ensemble), Brilliant Classics (Integral das Suites para Cravo solo de Dieupart), Dynamic (Concerto para cravo em sol menor de Carlos Seixas), Harmonia Mundi, Glossa Music, Parati, Anima & Corpo e Conditura Records, bem como para as rádios portuguesa, alemã e checa, e os canais televisivos Mezzo, Arte e RTP. Em 2019 apresentou um recital a solo dedicado à obra do compositor napolitano Giovanni Salvatore no prestigiante Festival Oude Muziek de Utrecht (Holanda), e outro recital a solo com obras de Froberger e Couperin integrado no Festival Internacional de Música de Évora. Foi solista com a Orquestra

Barroca da Casa da Música no concerto para cravo e orquestra da compositora Friederike Sophie Wilhelmine da Prússia, sob a direcção de Amandine Beyer. Em 2020 apresentou recitais em Antuérpia, com obras de Dieupart e J. S. Bach, e em Espanha, com uma perspectiva sobre a música portuguesa para tecla. Para 2021 apresenta um recital a solo dedicado a Maria Bárbara de Bragança com sonatas a D. Scarlatti e C. Seixas a convite do Património Nacional (Espanha) no Palácio de la Granja de San Ildefonso. Como maestro dirigiu grandes obras do repertório barroco como as Vésperas de Monteverdi, várias missas e cantatas de Bach, oratórias de A. Scarlatti, óperas de Lully, Charpentier e Bourgeois, e motetos de Rameau, em salas como a Fundação Gulbenkian, o CCB e os festivais de Bruges e Utrecht.

### **NOTAS AO PROGRAMA**

Este programa, especialmente criado para o Festival internacional de Música Religiosa de Guimarães, apresenta, através de um florilégio de algumas das mais belas árias sacras escritas por Johann Sebastian Bach para a voz de Baixo, uma meditação sobre a morte e ressurreição redentoras de Jesus Cristo, bem como sobre a fragilidade e brevidade da nossa própria existência. As peças vocais são intercaladas com igualmente belíssimas páginas instrumentais, na sua maior parte originárias em concertos orquestrais hoje perdidos, mas que subsistem como sinfonias introdutórias para várias cantatas. Esta prática de reaproveitamento era muito comum no período Barroco - uma época em que os nossos actuais conceitos de originalidade e apropriação ainda não existiam - e frequentemente praticada por Bach.

O Prelúdio-Coral "Nun komm, der Heiden Heiland" BWV 659 foi composto para órgão - segundo a indicação autógrafa "2 clav. & pedale" - e faz parte da colecção dos "18 Prelúdios para Órgão" compilados ao redor de 1748 e provavelmente compostos entre 1740 e 1748. O texto deste coral é da autoria de Martinho Lutero, e foi publicado em 1524. Baseia-se no hino ambrosiano "Vem, Redentor das Nações" e era usado sobretudo no início do Advento. O seu texto expressa a ansiedade do mundo perante a chegada eminente do Salvador, filho de uma Virgem, através de um nascimento miraculoso e alegre, mas desde o início destinado à morte, para salvação da Humanidade. A Cantata "Leichtgesinnte Flattergeister" BWV 181 foi composta para a Sexagésima - o penúltimo Domingo antes da Quaresma - sendo

estreada no dia 13 de Fevereiro de 1724. Bach reutilizou-a em 1743 e 1746, de quando data a versão hoje apresentada. O Evangelho do dia é o da Parábola do Semeador, e o libreto da cantata é uma reflexão sobre os efeitos da palavra de Deus em cada pessoa que a escuta, e que opta por a aceitar nas suas vidas, ou a recusa, sob a nefasta influência do demónio.

A Sinfonia da Cantata BWV 21 foi composta em Weimar, em finais de 1713 e estreada em 1714, no terceiro Domingo após a Santíssima Trindade. Foi revista em Cöthen em 1720 para uma apresentação em Hamburgo, e a versão definitiva data de 1723. O Evangelho do dia era o do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, mas a expressão triste e dolorosa do andamento instrumental reflectem o versículo 19 do Salmo 93(94): "Multiplicaram-se as angústias no meu coração." Quanto à "Paixão segundo S. João," foi apresentada pela primeira vez a 7 de Abril de 1724, integrando a oração de Vésperas de Sexta-Feira Santa. É a mais antiga Paixão de Bach. Conhecem-se várias versões, datadas de 1725, 1732 e 1749, mas nenhuma delas pode ser considerada definitiva. O arioso para baixo foi originalmente escrito com um acompanhamento para alaúde solista, com duas violas d'amor, mas esta instrumentação algo exótica foi substituída por Bach nas versões mais tardias por uma parte de cravo ou órgão obrigado, e dois violinos com surdinas. A peça surge na segunda metade da obra, então cantada após o sermão, e medita sobre a cruel flagelação de Cristo, e a coroação de espinhos; as dolorosas marcas deixadas no corpo do Salvador pelos espinhos, chicotadas e flagelos são aqui contempladas como provas irrefutáveis do Amor divino.

O andamento central do Concerto de Brandenburgo n.4, BWV 1049, escrito para violino solo, duas flautas (de bisel) e orquestra, explora efeitos de eco e contraste entre um pequeno trio de solistas e o tutti, revelando marcada influência francesa. O concerto terá sido composto em Weimar ou, mais provavelmente em Cöthen, e a partitura autógrafa conhecida está datada de 1721, quando o compositor dedicou os seis concertos ao Margrave de Brandenburgo. Mais tarde Bach reutilizou a música, transposta e re-orquestrada, no seu sexto concerto para cravo e orquestra, BWV 1057. Já a Cantata "Meine Seufzer, meine Tränen", BWV 13 foi composta para o segundo Domingo após a Epifania e estreada a 20 de Janeiro de 1726. O Evangelho do dia relata as festivas Bodas de Canaã mas a cantata centra-se sobre a frase de Jesus "- Ainda não chegou a minha hora", que

aqui é entendido como um prenúncio da Paixão. O uso das flautas (de bisel) é, nas obras vocais sacras de Bach, frequentemente associado à morte e ao sofrimento.

A Cantata "Geist und Seele wird verwirret" BWV 35 foi composta para o décimo-segundo Domingo depois da Santíssima Trindade, e estreada a 8 de Setembro de 1726. O festivo andamento intitulado Concerto, com órgão solista, introduz a primeira parte da Cantata, e outro andamento similar, intitulado Sinfonia, abre a segunda parte. São dois andamentos adaptados a partir de um concerto hoje perdido, provavelmente composto em Cöthen e presumivelmente destinado ao oboé. Subsiste uma versão incompleta, da década de 1730, para cravo solo e orquestra, BWV 1059. A "Paixão segundo S. Mateus" BWV 244 foi a segunda Paixão composta por Bach. É datada tradicionalmente de 1729 mas deverá ter sido composta ainda em 1727, sendo revista e reposta em 1736, 1742, 1743 e 1746. É uma obra monumental para dois coros e duas orquestras. Este recitativo e ária são cantados pelo baixo solista do segundo coro, ainda na primeira parte da obra, e comentam o momento da agonia de Jesus no Horto das Oliveiras, quando este diz: "- Pai, se possível afasta de mim este cálice; mas faça-se a Tua vontade e não a Minha." O crente solidariza-se com o imenso sofrimento de Jesus, e dispõe-se a acompanhá-lo na sua Paixão.

A sinfonia com flauta solo é o andamento introdutório para a cantata secular "Non sa che sia dolore" BWV 209, com texto em italiano, e composta provavelmente em 1747, já perto do final da vida de Bach, para uma celebração de despedida de um amigo. Este andamento deverá ter origem num concerto anterior, para flauta e orquestra, do qual não sobrevivem os restantes andamentos, e que poderá ter sido composto nas décadas de 1730 ou 1740, pois evidencia uma estética já muito próxima do estilo Galante, em voga na Alemanha em meados do século XVIII. O andamento "Ja, ja ich halte Jesum feste" apresenta uma estrutura muito complexa, misturando elementos da ária, do recitativo e do arioso, com um acompanhamento instrumental remanescente de uma elegante sonata em trio para violino e traverso. Pertence à Cantata "Ich lasse dich nicht" BWV 157, uma cantata fúnebre, composta em 1726/27 e apresentada a 6 de Fevereiro de 1727, nas exéquias de Johann Christoph von Ponickau, camarlengo da corte da Saxónia. A versão original apenas incluía partes para traverso, violino e oboé d'amor, para além do baixo contínuo. Mais tarde Bach utilizou a obra na Festa da Purificação de Nossa Senhora -

ou Apresentação de Jesus no Templo - a 2 de Fevereiro, acrescentando outras partes instrumentais. O texto é uma meditação sobre a morte cristã, a partir do mote "Não te deixarei partir antes que me abençoes", pronunciado pelo patriarca Jacob aquando da sua mítica luta com um anjo, descrita no livro do Génesis. Esta frase aparece aqui associada ao desprendimento da vida manifestado pelo velho Simeão, depois de ter visto e pegado em Jesus, aquando da Sua apresentação no templo de Jerusalém, e 40 dias após o nascimento. A ideia-chave é que quem confia em Cristo, e o tem no seu coração, não teme a morte, antes anseia por esse momento.

A ária "Doch weichet, ihr tollen, vergeblichen Sorgen" inclui-se na Cantata "Liebster Gott, wenn werd ich sterben" BWV 8, composta para o décimo-sexto Domingo depois da Santíssima Trindade, e datada de 24 de Setembro de 1724. Foi revista em 1746/47. O Evangelho do dia relata a ressurreição do filho da viúva de Naín, o que convida a mais uma reflexão sobre a vacuidade da vida e sobre a esperança da Ressurreição. Esta ária possui uma extensa e difícil parte para traverso solista, em diálogo com a voz. A Cantata "Ich steh mit einem Fuß im Grabe" BWV 156 foi escrita para o 3º Domingo após a Epifania, sendo apresentada pela primeira vez a 23 de Janeiro de 1729. A meditativa e eloquente Sinfonia deriva de um concerto para oboé, hoje perdido, e provavelmente datado dos anos de Cöthen, mas que sobrevive também como andamento central do concerto para cravo e orquestra BWV 1056.

A Cantata "Sehet, wir gehn hinauf gen Jerusalem" BWV 159 foi composta para o Domingo da Quinquagésima, tradicionalmente conhecido como "Estomihi" e que é o último Domingo antes do início da Quaresma. Apresentada a 27 de Fevereiro de 1729, foi última cantata apresentada antes da "Paixão segundo S. Mateus" e, tal como nesta, a poesia é da autoria de Picander, pseudónimo de Christian Friedrich Henrici, e que foi o principal libretista de Bach em Leipzig. Nesta cidade luterana a Quaresma era "tempus clausum", ou seja, um tempo penitencial em que não se admitia o uso de música concertante e com instrumentos na igreja, e por isso a execução de cantatas estava proibida. A sua temática centra-se no anúncio e meditação da Paixão. A ária de baixo cita as últimas palavras de Cristo na cruz: "- Tudo está consumado!"; o coral que se lhe sucede imediatamente, e que conclui a obra, é a última estrofe das trinta e três (tantas como os anos da vida de Jesus!) que compõe o hino "Jesu Leiden, Pein und Tod." Publicado

originalmente por Paul Stockmann em 1633, constitui um extenso relato da Paixão. Bach utilizou o seu texto e a melodia tradicional a ele associada cinco vezes, três delas na sua "Paixão segundo S. João."

Fernando Miguel Jalôto, Fevereiro de 2020

Traduções dos Textos Cantados

Todas as traduções são da autoria de Fernando Miguel Jalôto

Ária: Leichtgesinnte Flattergeister

Espíritos frívolos, de mente ligeira,  
furtam-se a si próprios do poder da Palavra.  
Belial [o Demónio] com a sua descendência  
procura, não obstante, obstrui-lo,  
de forma a que se torne inútil.

Arioso: Betrachte, meine Seel, mit ängstlichem Vergnügen

Contempla, ó minha alma, com angustiado prazer  
com amargo deleite, e coração contrito,  
o teu maior bem, no sofrimento de Jesus.  
Vê como para ti, dos espinhos que O perfuram,  
florescem as pequenas "Chaves do Paraíso"\*!  
Podes colher muita fruta doce do seu lenho tão amargo;  
por isso, contempla-O sem cessar!  
[\*uma flor: a Prímula selvagem]

Ária: Ächzen und erbärmlich Weinen

Gemidos e dolorosas lamentações  
não ajudam ao padecimento das preocupações;  
contudo, aquele que olha para o Céu,  
e nele busca o seu conforto,  
a esse um raio de alegria  
pode facilmente iluminar o seu peito sofredor.

Recitativo: Der Heiland fällt vor seinem Vater nieder

O Salvador inclina-se diante de seu Pai;  
e assim Ele eleva-nos todos acima de si,  
da nossa queda, de novo até à graça de Deus.  
Ele está pronto para beber o cálice da amargura da morte,  
para a qual são vertidos os pecados deste mundo,  
e que fede horrivelmente,  
pois tal é agradável para o nosso amado Deus.

Ária: Gerne will ich mich bequemen

De bom grado eu forçar-me-ei a tomar a cruz e o cálice,  
mas bebê-lo-ei depois do meu Salvador.  
Ele, com a sua boca, de onde flui leite e mel,  
tornou doce o amargo sabor da dor,  
desde o seu primeiro trago.

Ária: Ja, ja ich halte Jesum feste

Sim, sim! Eu seguro Jesus com firmeza,  
e sei que por isso também eu entrarei no Paraíso,  
onde Deus e os convidados do Seu Cordeiro  
estão já coroados para a boda.  
Então não Te deixarei apartar de mim, meu Salvador,  
e a Tua bênção permanecerá também sempre comigo.

Ah, quão agradável será o meu caixão,  
pois Jesus está em meus braços!  
Por isso o meu espírito pode agora repousar em verdadeira alegria!

Sim, sim! Eu seguro Jesus com firmeza,  
e sei que por isso também eu entrarei no Paraíso, lugar maravilhoso!  
Vem, suave morte, e leva-me embora,  
para onde Deus e os convidados do Seu Cordeiro  
estão já coroados para a boda.

Estou radiante, pois a miséria deste tempo hoje mesmo afastarei de  
mim;  
pois Jesus aguarda por mim no Paraíso,  
com a Sua bênção.

Então não Te deixarei apartar de mim, meu Salvador,  
e a Tua bênção permanecerá também sempre comigo.

Ária: Doch weichet, ihr tollen, vergeblichen Sorgen

Mas, para quê tais preocupações tolas e inúteis?

O meu Jesus chama por mim: quem não iria?  
Nada do que me agrada pertence a este mundo.  
Alvorece para mim, abençoada, alegre manhã,  
transfigurado e glorioso,  
erguer-me-ei diante de Jesus.

Ária: Es ist vollbracht

Tudo está consumado,  
a pena está completa,  
do nosso estado de pecado,  
em Deus fomos de novo reconstituídos.

Agora vou apressar-me,  
a dar graças ao meu Jesus;

Mundo: boa noite!

Tudo está consumado!

Coral: Jesu, deine Passion

Jesus, a Tua paixão,  
é para mim pura alegria;  
as tuas feridas, espinhos e humilhação  
é o sustento do meu coração;  
aminha alma caminha sobre rosas,  
quando sobre ela medito;  
no Paraíso é ela que me garante  
um lugar para mim.



**31 MARÇO | QUARTA | 21h30**  
**Orquestra de Guimarães**  
**e Solistas**

*"STABAT MATER PERGOLESI"*

**Igreja de São Francisco**

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

**PROGRAMA**

St. Paul's Suite, op. 29 n.º 2 (Holst)

Stabat Mater de G. B. Pergolesi

**GUSTAV HOLST:**

St. Paul's Suite, op. 29 n.º 2

1. Giga: Vivace

2. Ostinato: Presto

3. Intermezzo: Andante con moto

4. Finale (The Dargason): Allegro

**GIOVANNI BATTISTA**

**PERGOLESI:**

Stabat Mater

1."Stabat Mater Dolorosa" - Grave:  
dueto

2."Cujus animam gementem" -

Andante amoroso: ária soprano

3."O quam tristis et afflicta" -

Larghetto: dueto

4."Quae moerebat et dolebat" -

Allegro: ária contralto

5."Quis est homo" - Largo: dueto

—"Pro peccatis suae gentis",

Allegro

6."Vidit suum dulcem natum" -

Tempo giusto: ária soprano

7."Eja mater fons amoris" -

Andantino: ária contralto

8."Fac ut ardeat cor meum" -

Allegro: dueto

9."Sancta mater, istud agas" -

Tempo giusto: dueto

10."Fac ut portem Christi mortem"

- Largo: ária contralto

11."Inflammatum et accensus" -

Allegro ma non troppo: dueto

12."Quando corpus morietur" -

Largo assai: dueto

—"Amen..." - Presto assai

## **FICHA ARTISTICA**

**Soprano - Regina Freire**

**Mezzo - Marta Magalhães**

**Orquestra de Guimarães (Orquestra de Cordas)**

**Violino I - Nuno Meira, Raquel Queirós,  
Pedro Oliveira, Félix Duarte**

**Violino II - Ana Filipa Abreu, Joaquim  
Matos, Mara Silva, Joaquim Pereira**

**Viola - Emídio Ribeiro, Cristóvão Andrade**

**Violoncelo - Carina Albuquerque,  
Américo Martins**

**Contrabaixo - Joana Lopes**

**Órgão /Positivo - Paula Peixoto**

**Maestro e Direção - José Eduardo Gomes**

## **SINOPSE**

Do compositor Gustav Holst, mais conhecido pela escrita da Suite orquestral “Os Planetas”, ouviremos a St. Paul’s Suite para orquestra de cordas em quatro andamentos.

De Giovanni Battista Pergolesi, ouviremos o seu belíssimo Stabat Mater para Orquestra de Cordas, Soprano e Mezzo.

## **BIOGRAFIAS**

### **Orquestra de Guimarães**

A Orquestra de Guimarães é um projeto cultural, criado em 2014, pelo Município de Guimarães. Apresenta-se como uma medida ambiciosa e singular que pretende, com base na excelência, integrar e potenciar o talento de artistas da região, proporcionando-lhes o contacto com a prática musical orquestral. Baseado nos fortes laços criados entre a comunidade e as artes performativas, este projeto visa a criação de uma rede artística de referência, salvaguardando assim dois fatores fundamentais para o sucesso: a sustentabilidade e a estabilidade.

Com a direção artística de Vítor Matos, a Orquestra de Guimarães promove atualmente cerca de sete residências artísticas anuais com uma programação inovadora, diversificada e abrangente. São ainda dignas de destaque as colaborações regulares com os diversos Festivais organizados na cidade tais como Guimarães Jazz, Festival Internacional de Música Religiosa de Guimarães ou WestWayLab, assim como, a organização anual do Guimarães Allegro.

### **José Eduardo Gomes**

José Eduardo Gomes é maestro associado da Orquestra Clássica do Sul e maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP. É Professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, onde exerce o cargo de maestro responsável pela Orquestra Sinfónica. Até Julho de 2018 foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro.

É laureado do Prémio Jovens Músicos (2º Prémio), onde recebeu também o prémio da orquestra. Foi semi-finalista no 1º Concorso Citta di Brescia Giancarlo Facchinetti (Itália).

Iniciou os seus estudos musicais no clarinete em Vila Nova de Famalicão, sua cidade natal. Mais tarde, continuou estudos na ARTAVE e ESMAB, onde se formou na classe do Prof. António Saiote,

tendo recebido o Prémio Fundação Engenheiro António de Almeida. Posteriormente prosseguiu estudos na Haute École de Musique de Genève (Suíça), em direção de orquestra com Laurent Gay e em direção coral com Celso Antunes.

José Eduardo é membro fundador do "Quarteto Vintage" e do "Serenade Ensemble".

Foi maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça) e maestro titular do Coro do Círculo Portuense de Opera (Porto).

Atuou nos mais destacados festivais de música em Portugal, tais como Dias da Música, Festival de Sintra, Festival PJM, Festival Cantabile.

Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de Vila Nova de Famalicão.

### **NOTAS AO PROGRAMA**

Gustav Theodore Holst (1874 –1934), compositor inglês, é hoje principalmente recordado pela sua suite orquestral *The Planets* (Os Planetas), apesar de ter escrito uma numerosa obra espalhada pelos mais variados géneros. O seu estilo de composição, naturalmente, variou ao longo da vida, tendo sido cruciais na fase de juventude as obras de Richard Wagner e Richard Strauss. O movimento de revisitação da canção popular inglesa que se deu nos inícios do século XX, bem como o surgimento de compositores como Maurice Ravel, levaram-no a desenvolver depois um estilo mais alargado. Estudou no Royal College of Music com Charles Villiers Stanford, foi amigo de Ralph Vaughan William, foi trombonista profissional e professor.

Foi a atividade pedagógica que lhe inspirou a escrita da *St. Paul's Suite* para orquestra de cordas. Foi este de facto o primeiro fruto da sua associação com a *St. Paul's Girl School* de Londres, onde dirigiu e ensinou de 1905 até quase à sua morte, ocorrida em 1934. A um certo nível é pois uma peça funcional.

Nos quatro andamentos desta obra Holst assume-se quase como um subversor. Tudo se inicia com uma *Giga* (dança que nas suites é geralmente reservada para o final), à qual sucede um surpreendente *Ostinato*. A atmosfera muda radicalmente com o *Intermezzo*, andamento que incorpora uma melodia que o autor, curiosamente, tinha anotado durante umas férias na Argélia. O *Finale*, transcrição do quarto andamento da sua *Suite n.º 2* para orquestra militar, é uma

série de variações sobre o tema popular “The Dargason”. Para esta Suite de St. Paul Gustav Holst acrescentou uma série de variações suplementares sobre o ultra-conhecido “Greensleeves”, terminando a obra exuberantemente.

O italiano Giovanni Battista Draghi (1710 –1736), conhecido como Giovanni Battista Pergolesi porque os pais tinham vindo de Pergole, na zona das Marche, foi compositor, violinista e organista. Morreu com apenas 26 anos. As suas mais conhecidas obras são a ópera La serva padrona e o Stabat mater que hoje ouviremos. Nasceu em Jesi (hoje Ancona) e depois de primeiros estudos na cidade natal foi para Nápoles em 1725 aprender com Gaetano Greco e Francesco Feo. Grande parte do seu trabalho seria depois escrito para patronos aristocratas como Ferdinando Colonna ou Domenico Marzio Carafa.

Pergolesi foi um dos mais importantes primeiros compositores de opera buffa (a representação da sua Serva padrona em Paris em 1752 provocou a célebre Querelle des Bouffons em que os franceses se dividiram ferozmente entre os defensores da música italiana e os da música nacional), mas salientou-se também na opera seria.

A sua produção religiosa inclui uma Missa e três versões do Salve Regina. Este seu Stabat Mater - para soprano e contralto solistas, violinos, viola e baixo-contínuo - foi composto em 1736 nas últimas semanas da vida. Pergolesi escreveu-o no período final da sua tuberculose no mosteiro franciscano de Pozzuoli, juntamente com um Salve regina. A lenda diz que o terminou mesmo antes de morrer. A obra, que se divide em 12 andamentos, foi composta para a confraternidade napolitana de Confraternita dei Cavalieri di San Luigi di Palazzo, a mesma que já encomendara o Stabat Mater a Alessandro Scarlatti.

É uma das mais famosas obras sacras de Pergolesi e teve uma popularidade imensa no seu tempo - foi a obra musical mais imprimida no decorrer do século XVIII. Jean-Jacques Rousseau dizia que o primeiro andamento era "O mais perfeito e comovente dueto que saiu da pena de um compositor". Muitos compositores adaptaram a obra, incluindo Giovanni Paesiello. A obra de Pergolesi foi também utilizada por Johann Sebastian Bach, que a reorquestrou e adaptou para um texto não-mariano na sua cantata Tilge, Höchster, meine Sünden, BWV 1083.

Houve também, obviamente, detratores diretos, como o célebre Padre Martini que em 1774 criticava no Stabat mater o estilo leve e operático, igual ao de La serva padrona.

Jorge Rodrigues.



1 ABRIL | QUINTA | 21h30

**Konstantin Derri, José  
Carlos Araújo, Nuno  
Cardoso**

“*STABAT MATER DOLOROSA*”

Capela Palatina do Paço dos  
Duques de Bragança

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

**PROGRAMA**

ANTONIO VIVALDI: Stabat mater  
(RV 621)

1. Stabat mater dolorosa
2. Cujus animan gementem
3. O quam tristes et afflicta
4. Quis est homo
- 5: Quis non posset contristari
6. Pro peccatis suae gentis
7. Eia mater, fons amoris
8. Fac ut ardeat cor meum
9. Amen

ALESSANDRO SCARLATTI: Stabat mater - EXCERTOS

3. O quam tristes et afflicta
6. Quis non posset contristari
10. Santa Mater
13. Fac me vere
15. Fa cut portem

JOSEPH HAYDN: Stabat mater –  
EXCERTOS

2. O quam tristes et afflicta
9. Fac me vere

**FICHA ARTÍSTICA**

**Contratenor - Konstantin Derri  
Cravo - José Carlos Araújo  
Violoncelo - Nuno Cardoso**

## **SINOPSE**

A figura da Virgem chorando junto à cruz a morte de Cristo representa, para além de qualquer significado sacro, a imensidade da dor de qualquer mãe pela perda de um filho. Essa dor estará sublinhadamente presente no concerto de hoje, com a expressão dessa angústia da Virgem, através de vários importantes compositores do século XVIII.

## **BIOGRAFIAS**

### **José Carlos Araújo**

José Carlos Araújo estudou cravo e órgão no Conservatório Nacional, nas classes de Maria Cândida Matos e Rui Paiva. Entre as numerosas masterclasses em que participou, foram especialmente importantes as aulas com Cremilde Rosado Fernandes, José Luis González Uriol, Gustav Leonhardt e Rinaldo Alessandrini.

É membro da orquestra barroca Divino Sospiro, com a qual realizou numerosas estreias modernas de obras do séc. XVIII. Tocou também com outras orquestras e agrupamentos, entre os quais a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Ensemble MPMP, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa ou o Coro Gulbenkian. Apresentou-se com o Teatro da Cornucópia na produção d'A Tempestade de Shakespeare, sob a direção de Luís Miguel Cintra.

Iniciou a coleção discográfica Melographia Portuguesa em 2012, com a gravação integral da obra para tecla de Carlos Seixas. Após os restauros do pianoforte van Casteel (1763) e do cravo Antunes (1789), realizou os concertos inaugurais de ambos os instrumentos no Museu Nacional da Música, o último dos quais em duo com Miguel Jalôto. Acompanhou também o complexo restauro do cravo Taskin de 1782 (Tesouro Nacional), processo distinguido com o Prémio de Conservação e Restauro da Associação Portuguesa de Museologia, em 2018.

Foram-lhe atribuídos o 1.º Prémio e o Prémio do Público do concurso Carlos Seixas (Sociedade Histórica da Independência de Portugal). Gravou para a RTP e para a Antena 2. Tem sido favoravelmente recebido o disco Passio Iberica, que gravou com Divino Sospiro, distinguido com 5 estrelas pela revista Musica (2019). Também com esta orquestra e com o flautista António Carrilho estreou obras de Nuno da Rocha, lançadas em CD em 2019 (O que será do rio?, MPMP).

O seu 10.º disco, Carlos Seixas – Sonatas VIII (2020), constitui a primeira gravação do cravo Antunes de 1789, atualmente conservado na coleção instrumental do MNM e em classificação como Tesouro Nacional. Gravou também os primeiros discos a solo do pianoforte van Casteel e do órgão histórico de São Bento da Vitória, de 1719 (Porto).

Licenciou-se pela Faculdade de Letras de Lisboa, em Filologia Clássica. É investigador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, onde se tem dedicado ao estudo e à primeira tradução portuguesa do Epistolário de Plínio. Colabora regularmente em *Euphrosyne* – Revista de Filologia Clássica.

### **Nuno Cardoso**

Nuno Cardoso nasceu em Lisboa e iniciou os estudos de violoncelo na Fundação Musical dos Amigos das Crianças com Luís Estêvão da Silva e com Luís Sá Pessoa. Licenciou-se pela Academia Nacional Superior de Orquestra na especialidade de Violoncelo, onde estudou sob a orientação de Paulo Gaio Lima. Paralelamente, frequentou a Licenciatura em Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Em Portugal e no estrangeiro, tem beneficiado de masterclasses com reconhecidos mestres, como Márcio Carneiro, Xavier Gagnepain, Hans Jørgen Jensen, Jan-Erik Gustafsson ou Rainer Zipperling.

No domínio da música de câmara tem trabalhado com Paul Wakabayashi, Paulo Pacheco, Olle Sjöberg e Hans Pålsson. Co-fundador do MPMP – Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, foi também membro da Comissão de Redação da revista *Glosas*. Tem vindo a afirmar-se o duo que mantém com o pianista Duarte Pereira Martins, salientando-se os recitais nos ciclos *Um Músico, um Mecenas*, no Museu Nacional da Música, em Lisboa, nos violoncelos históricos de H. Lockey Hill (ca. 1800, Coleção Suggia) e J. J. Galvão (1769, Coleção Real), atualmente conservados naquela coleção instrumental. Na Suécia, trabalhou interpretação de música barroca com Peter Spissky e efetuou os estudos de Mestrado em Violoncelo na *Musikhögskolan i Malmö* da Universidade de Lund, na classe de Torleif Thedéen. É membro fundador do quarteto com piano *Kvar Ensemble*.

## **Konstantin Derri**

Nascido em Krivoy ( Ucrania ), Konstanin Derri começa a sua carreira musical como pianista na sua cidade natal e pouco antes de finalizar os seus estudos de piano no conservatório, começa a receber aulas de canto. Para continuar os seus estudos, já como cantor, entra na Academia Musical Tchaikovski de Kiev.

No final de 2009 muda-se para Espanha para estudar no Conservatório Superior de Música de Valência, com Ana Luísa Chova e Carles Budó, enquanto frequenta cursos de canto barroco com Richard Levitt. Em 2013 finaliza os seus estudos superiores e começa um Máster de “ Interpretação Operática no mesmo conservatório, que finaliza em 2014.

Obteve numerosos prémios, como o segundo prémio do “Concurso de ópera barroca António Cesti 2015“, em Innsbruck (com a sua interpretação de música operística de Haendel, que consegue excelentes criticas de muitos especialistas em música barroca) e o primeiro prémio no concurso “Os nomes novos“ em Kiev. Foi finalista e conseguiu o prémio promoção do “XVI Concurso Internacional de canto Feruccio Tagliavini”( Áustria ).

Na campo da ópera interpretou do Dido e Eneas (Feiticeiro e Espírito) de Purcell no Teatro Real de Madrid com Aarón Zapico, no Auditório de Valência, Teatre Ideal de Castelo de la Ribera, Teatre Auditori Francisco Chirivella de Catarroja e no Gran Teatre de Xátiva; Le Nozze in sogno (Scorbio) de Cesti, estreia mundial no 40º Festival de Música antiga de Innsbruck; Farinelli, o castrado do rei Filipe (Farinelli) adaptado por Gustavo Tambascio nos Teatros del Canal de Madrid; Giuglio Cesare ( Tolomeo ) de Haendel no Allee Theater Hamburger Kammeroper; Orfeo e Euridice (Orfeo) de Gluck, na sua estreia em Kiev, no Auditório Joaquim Rodrigo de Valência e no Auditório de Riba-roja; O Maior triunfo da maior guerra (Luzeyo) de M. Ferreira, estreia absoluta da ópera no XV Festival Internacional de música antiga e barroca de Peñíscola; Rinaldo (Rinaldo) de Haendel no Festival de ópera de Glyndebourne (cover), Teatro da ópera de Chemnitz, Auditório de Riba-roja e no Auditório Joaquin Rodrigo de Valência; Teseo (Arcane) de Haendel no Tchaikovsky Concert Hall de Moscovo com Federico Sardelli; La dori (Bagoa) de Cesti, no Festival de Música Antiga de Innsbruck com Ottavio Dantone; Medeamaterial de Dusapin no teatro Comunale di Bologna com Marco Angius; L’invisible de Reimann no Staatstheater Braunschweig com Tatjana Gürbaca e

Orlando Furioso (Medoro) de Vivaldi no Festival della Valle d'Itria com Diego Fasolis.

Destacam-se ainda as suas atuações do Oratório La Colpa, Il Pentimento, La Grazia, ( Pentimento ) de A. Scarlatti no Festival de Música Antiga de Sevilha com Aarón Zapico-Forma Antiqua; concertos de música operística no Palau de la Música, Real Academia de Bellas Artes de Valência , 75º Festival Quincena Musical de San Sebastián, Allee Theater Hamburger Kammeroper, Festival de Música antiga de Zaragoza, Festival de Kammeroper Schloss Rheinsber; concerto de apresentação do CD Joan Cabanilles, La Música d' un Temps, que se gravou com o Grup Valenciá de Música Antiga “Música Trobada“ no Palau da Música de Valência; um concerto de natal na sala de colunas da Filarmónica Nacional da Ucrânia (Kiev), sobre sob a direção do Maestro Titular da Orquestra, Nykolay Dyadyura; Carmina Burana de Carl Orff no Palau de la Música de Valência e nos Auditórios de Torrente e Aldaia.

Na Ucrânia, participa ativamente em concertos operísticos na Ópera Nacional de Kiev, Filarmónica Nacional de Kiev, Ópera Nacional de Lviv, Ópera de Dnepropetrovsk, Ópera de Donetsk, Ópera de Odessa, Palácio “ Ucraina “ de Kiev, nos Teatros de Chernigov, Lugansk, Mariupol, Krivoy Rog e Yalta.

Dos seus próximos compromissos fazem parte Dido e Eneas no Theater Vorpommern, Carmina Burana em Baluarte e Il Ritorno di Ulisse in pátria de Monteverdi, no Teatro Maggio Musicale Fiorentino, com Ottavio Dantone, numa produção de Robert Carsen.

### **NOTAS AO PROGRAMA**

A figura da Virgem chorando junto à cruz na morte de Cristo representa, para além de qualquer significado sacro, a imensidade da dor que qualquer mãe experiêcia pela perda de um filho. Tornou-se, obviamente, uma das imagens mais marcantes da nossa civilização vincada pelo cristianismo. É natural, pois, que essa figura da dor tenha sido manifestada, e continue a sê-lo, em todos os campos artísticos, desde a célebre estátua da Pietà de Michelangelo, no Vaticano, até às inúmeras obras pictóricas e musicais que com ela se identificaram.

Essa dor estará sublinhadamente presente no presente Festival Internacional de Música de Guimarães e o concerto de hoje é prova disso, com a expressão dessa angústia da Virgem através de obras de vários importantes compositores do século XVIII.

O Hino Stabat mater dolorosa, uma prece ou, mais precisamente, uma sequentia litúrgica católica, surgiu no século XIII e a sua autoria é atribuída ao franciscano Jacopone da Todi. Alguns estudiosos, no entanto, atribuem-no ao Papa Inocêncio III. Como sequência litúrgica, o hino foi suprimido pelo Concílio de Trento, mas retornou ao missal por ordem do Papa Bento XIII, em 1727, na festa de Nossa Senhora das Dores. O que importa realçar é que, desde que foi escrito, esse texto em latim tem despertado a emoção de dezenas de compositores ao longo dos séculos e servido de base a obras musicais que ultrapassam tempos e fronteiras, com manifestações em Palestrina, Pergolesi, Scarlatti (Alessandro e Domenico), Vivaldi, Haydn, Rossini, Dvorak, Schubert, Liszt, Verdi, Perosi, José Joaquim dos Santos, Penderecki. Para só alguns referir.

O Stabat Mater de Antonio Vivaldi, autor da popularíssima série de concertos As Quatro Estações, foi estreado por volta de 1727. A obra para contralto solo e orquestra utiliza apenas algumas estâncias do hino. A música de Vivaldi assume aqui um carácter melancólico, triste, assumidamente lento. Apenas no “Amen” é usado um Allegro.

Alessandro Scarlatti manejou o Stabat Mater por três vezes. O que hoje ouviremos foi escrito em 1724, três anos antes da obra de Vivaldi, por encomenda da Ordem de Frades Menores “Cavaleiros da Senhora das Dores” para a Igreja de São Luís de Nápoles para a época da Páscoa. Assim que se estreou foi, porém, considerado antiquado, tendo sido substituído em 1736 pelo famoso Stabat Mater de Giovanni Battista Pergolesi. As últimas obras de Scarlatti impressionam pela sua extraordinária riqueza musical, variedade de formas, liberdade cromática e flexibilidade de expressão. Este Stabat mater é uma das suas mais populares obras sacras nos nossos dias.

O Stabat Mater de Joseph Haydn (Hob. XXa:1) foi escrito já na segunda metade do século XVIII, mais concretamente em 1767. Para soprano, contralto, tenor e baixo solistas, coro misto, 2 oboés, cordas e órgão, a sua primeira execução parece ter sido dada a 25 de março de 1768, em Vienna, com o próprio Haydn a dirigir. O compositor dividiu a obra em dez andamentos, de que ouviremos dois: O quam tristes (um Larghetto Affettuoso) e “Fac me vere tecum flere” (Lagrimoso).

Jorge Rodrigues.



2 ABRIL | SEXTA | 21h30

## **Quarteto de Cordas de Guimarães**

*“O QUARTETO NA PAIXÃO”*

**Igreja de Nossa Senhora da  
Oliveira**

Classificação etária: M/6

Duração aproximada: 60 min

### **FICHA ARTÍSTICA**

**Violino I - Emanuel Salvador**

**Violino II - Ana Madalena Ribeiro**

**Viola - Emília Goch Salvado**

**Violoncelo - Filipe Quaresma**

### **PROGRAMA**

Sete últimas palavras de Cristo na

Cruz Hob. XX:1 - J. Haydn

Introduzione. Adagio

Sonata 1: Largo

Sonata 2: Grave e cantabile

Sonata 3: Grave

Sonata 4: Largo

Sonata 6: Adagio

Sonata 6: Lento

Sonata 7: Largo

Il Terremoto. Presto e con tutta la  
forza

## **SINOPSE**

As sete últimas palavras de Cristo na cruz são um conjunto de sete breves frases, retiradas de vários evangelhos, que Jesus pronunciou durante a sua crucificação. Estas frases são objeto de uma devoção e meditação especiais, principalmente durante a Semana Santa e serão “cantadas na Voz” do Quarteto de Cordas Guimarães.

## **BIOGRAFIA**

### **Quarteto de Cordas de Guimarães**

O Quarteto de Cordas de Guimarães (QCG) é um projeto inovador de residência artística, que visa desenvolver uma oferta constante na área da música de câmara a partir da cidade de Guimarães. Assim, tendo como base uma série de concertos regulares na cidade e concelho de Guimarães, o QCG tem como principal objetivo a promoção de Guimarães como plataforma de criação própria que irá servir de embaixador da cidade, tanto em Portugal como no estrangeiro.

A criação de uma forte identidade artística aliada à promoção de novas pontes com outras artes tais como as artes visuais, dança e artes plásticas fomentando a criação artística com selo vimaranense, são os principais objetivos desta formação.

Para além da temporada de concertos em Guimarães, o QCG já se apresentou em vários concertos no Festival Internacional de Música de Macau, no National Forum of Music (Wroclaw, Polónia), no Museu Theodor-Zink em Kaiserslautern (Alemanha) e nos festivais Baltic Neopolis (Polónia) e Musicales en Tricastin (França).

## **NOTAS AO PROGRAMA**

### **JOSEPH HAYDN**

As sete últimas palavras de Cristo na Cruz

Depois de termos estado a ouvir a Paixão e os acontecimentos que a rodearam cantados por tantas e tão variadas vozes, não estranharemos a entrada neste Festival do quarteto para cordas, que foi veículo de expressão essencial para a chamada I Escola de Viena, que cristalizou o Classicismo em música.

“As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz” são um conjunto de sete breves frases, retiradas de vários Evangelhos, que Jesus pronunciou durante a sua crucificação. Estas frases são objecto de uma devoção e meditação especiais, principalmente durante a Semana Santa.

Primeira frase: "Pai, perdoai-os porque eles não sabem o que fazem." (Lucas 23:34).

Segunda frase: "Em verdade eu te digo hoje estarás comigo no Paraíso." (Lucas 23:43).

Terceira frase: "Mulher Eis aí o seu filho...Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe..."

Quarta frase: "Elí, Elí, lama sabactani? (Deus, meu Deus, por que me abandonaste?)" (Mateus 27:46 e Marcos 15:34).

Quinta frase: "Tenho sede". (João 19:28)

Sexta frase: "Tudo está consumado" (João 19:30)

Sétima frase: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito". (Lucas 23:46)

Este ciclo de frases foi tomado como ponto de partida para diversas criações musicais de importantes compositores, das quais as mais notáveis são: As sete palavras de Jesus Cristo na Cruz, oratório de Heinrich Schütz; As sete últimas palavras de nosso Salvador, oratório de Saverio Mercadante (compositor que teve importante atividade e fez estreitar óperas suas no Real Teatro de São Carlos em Lisboa); As sete últimas palavras de Cristo, de César Franck. Sofia Gubaidulina, James MacMillan e Ruth Zechlin também deixaram obras sobre este tema.

No concerto de hoje ouviremos uma outra: As sete últimas palavras de nosso Salvador, de Joseph Haydn, que teve variadas versões ao longo dos anos. Escrita originalmente em 1786, no final do período em que Haydn serviu a família Esterházy, a obra resultou de uma inusitada encomenda oriunda de Espanha: um clérigo de Cádiz solicitava ao compositor música puramente orquestral que servisse de interlúdio às "Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz" para acompanhar os Serviços Litúrgicos da Semana Santa. Sete adágios destinados à meditação na cerimónia a realizar na Sexta-feira Santa na Catedral de Cadiz.

A obra não tem similar na história da música: um movimento introdutório e um "Terremoto" final emolduram 7 sonatas em andamentos lentos. A primeira audição realizou-se na Sexta-feira Santa de 1787 (dia 6 de Abril) na Igreja de Santa Cueva, construída no interior de uma gruta. Era um universo de misticismo desconhecido para o austríaco. Num oratório construído numa gruta, o cenário era dramático, com todas as entradas de luz tapadas e apenas um

grande candeeiro no centro quebrando a escuridão. O próprio Haydn descreve: “Ao meio-dia fechava-se a porta e começava a cerimónia. Depois de um serviço curto, o bispo subia ao púlpito, pronunciava a primeira das sete frases e discursava. Terminando, deixava o púlpito e prostrava-se de joelhos diante do altar. Este intervalo era preenchido com música. De igual modo, o bispo pronunciava a segunda palavra, depois a terceira e assim sucessivamente, seguindo-se a orquestra a pontuar cada discurso. A minha composição estava sujeita a estas condições, e não foi tarefa fácil escrever sete adágios, cada um com dez minutos, para serem tocados um após outro sem fatigar os ouvintes.”

A obra foi posteriormente apresentada em Viena e em Bona e sofreu variadas versões devidas ao próprio Haydn: quarteto de cordas; cravo; coro, solistas e orquestra, esta última estreada em Viena.

Os compassos iniciais de cada um dos adágios instrumentais são adaptações do texto das palavras de Cristo, respeitando a sua métrica e acentuação. Nas primeiras edições, Haydn incluiu até esse texto nas partes escritas, para que os músicos tivessem uma clara noção da ideia sobre a qual era estruturada cada Sonata. A associação íntima da música ao texto pretendia ainda que os ouvintes fossem envolvidos pelas palavras, mesmo que apenas sugeridas, e sentissem a meditação de forma mais profunda.

Para além das Sete Palavras, desenhadas em forma de sete sonatas lentas e meditativas, a obra conta ainda com uma introdução, também ela lenta, e com um curto andamento final – O Terramoto – que pela sua energia e velocidade contrasta com toda os restantes andamentos. Simboliza o terramoto que se segue à morte de Cristo e é um andamento que deixa uma profunda e dramática impressão de vazio. Haydn teria tentado também evocar as repercussões do terrível terramoto de 1755 na cidade de Cádiz, cuja zona marginal, tal como aconteceu em Lisboa, foi destruída por um maremoto.

Jorge Rodrigues.



3 ABRIL | SÁBADO | 21H30

**Dora Rodrigues, Rossana Rinaldi, Marco Alves dos Santos, André Henriques, Cristóvão Luiz**

“ROSSINI SACRO “

**Igreja de Santo António dos Capuchos**

Classificação etária: maiores de 6

Duração aproximada: 60 min

**PROGRAMA**

GIOACHINO ROSSINI:

“Stabat mater”

Cujus animam – tenor

Quis est homo – dueto- soprano e mezzo-soprano

Pro peccatis – baixo

Sancta Mater, istud agas- quarteto

Fac ut portem – Mezzo-soprano

Inflammatum – soprano

“Petite Messe Solemnelle”

Gratias agimus tibi- terceto-

Mezzo/ tenor/baixo

Domine Deus- tenor

Qui tollis, peccata- dueto-

Soprano/ Mezzo

Quoniam- baixo

Cricifixus-Soprano

Agnus dei- Mezzo

**FICHA ARTÍSTICA**

**Soprano - Dora Rodrigues**

**Mezzo - Rossana Rinaldi**

**Tenor - Marco Alves dos Santos**

**Baixo - André Henriques**

**Piano - Cristóvão Luiz**

## **SINOPSE**

Este concerto está marcado pela figura da Virgem Dolorosa.

Face à impossibilidade, pelas atuais circunstâncias pandémicas, de podermos executar esta magnífica obra com Coro e Orquestra, ouviremos todos os momentos pertencentes aos solistas.

Completaremos este programa “ Rossini Sacro “ com as intervenções solísticas da não menos maravilhosa “Petite Messe Solennelle”.

## **BIOGRAFIAS**

### **Dora Rodrigues**

Diplomou-se no Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga, completou a licenciatura na ESMAE com Oliveira Lopes, prosseguiu os seus estudos na Côte d’Azur com Ileana Cotrubas, em Itália com Enza Ferrari, no Liceo Musicale Manzato, e em Espanha com Elisabete Matos. Posteriormente, integrou o European Opera Center em Liverpool.

Estreou-se com o CPO no Coliseu do Porto. No Teatro S. Carlos destacam-se as participações de (Il Matrimonio Segreto), Echo (Ariadne auf Naxos), papel que cantou também em Modena e Ferrara, a protagonista de “Four Saint in Three Acts” de V. Thomson sob a direção cénica de Bob Wilson, a participação na Tetralogia “Anel de Nibelungo” de Wagner, produção criada por Graham Vick, Magda (Rondine), Blanche (Les Dialogues des Carmelites) como em vários concertos integrados no âmbito das Temporadas Sinfónicas.

Participou em gravações discográficas, incluindo a sua estreia na ópera “D. Chisciotte” de M. Garcia no Teatro de la Maestranza de Sevilha, lançada em CD pela Almagiva.

Em 2010 gravou com a Royal Liverpool Philharmonic “Il Segreto di Susanna” Wolf-Ferrari sob a direção musical de Vasily Petrenko para a Avie Records. Apresentou-se com a European Union Youth Orchestra em Londres com Laurent Pillot, concerto gravado ao vivo pela etiqueta “The Classical Recording Company”, "Opera Premium" com a Orquestra Metropolitana para a Universal Music dirigida por João Paulo Santos e "Compositores do Porto do séc. XX" com Jaime Mota para a editora Fermata.

Foi selecionada para participar no conceituado BBC-Cardiff Singer of the World onde se apresentou com a Welsh National Orchestra dirigida

por Paul Daniel. Participou no lançamento da série “Os Maias” pela Rede Globo no Rio de Janeiro e no prestigiado "Festival Les Jeunes Ambassadeur – Montreal”. Integra o L’Effetto Ensemble, projeto de câmara com o guitarrista Rui Gama, onde se destaca a gravação para a Antena 2 no CCB e a participação na 27ª e 29ª Temporadas de Música de São Roque.

Cantou com Josep Carreras em 2003 em Coimbra, sob a direção de Ferreira Lobo, e em 2012 com a Orquestra Fundação Estúdio de Guimarães dirigida por David Gimenez.

Foi-lhe atribuído o Prémio "Ribeiro da Fonte" pelo Ministério da Cultura e foi condecorada pelo Município de Braga com a Medalha de Mérito em 2012.

Foi bolseira da Fundação Engenheiro António de Almeida e da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Eng. António de Almeida.

### **Rossana Rinaldi**

Completoou os seus estudos musicais no Conservatório de Palermo, continuado a sua formação com Paolo Washington e frequentando cursos de aperfeiçoamento com Renata Scotto, Paolo Montarsolo e Mietta Sighele.

Em 2001, participou no Concerto Verdi 100, no centenário da morte de Giuseppe Verdi em Parma, dirigida pelo Maestro Zubin Metta, ao lado de Plácido Domingo, José Carreras, José Cura, Marcello Alvarez, Leo Nucci, Ruggero Raimondi, Daniela Dessí, Barbara Frittoli, Mariella Devia, Luciana D’Intino entre outros.

Em 2002, estreou-se no papel de Suzuki na ópera Madame Butterfly, no Teatro Lírico di Cagliari, no Teatro Massimo di Palermo, na Ópera di Roma e no Teatro San Carlo di Napoli. Estreou-se na Força do Destino, no Teatro Reggio di Torino e na Paukenmesse de FJ Haydn, dirigida por Zubin Mehta, no Teatro Maggio Musicale Fiorentino.

Cantou Nabucco na Arena di Verona e Teatro Reggio di Torino, Madame Butterfly no Teatro Carlo Felice di Genova, em Torre del Lago e posteriormente no Japão, numa tournée do Festival Pucciniano. Cantou a Força do Destino na Ópera de Zurique, Otello na abertura da temporada do Teatro alla Scala di Milano, sobre a direção de Ricardo Muti.

Recorda a sua estreia na Aida em 2007, na Ópera de Avenches, a Cavalleria Rusticana na Arena di Verona e no Teatro Reggio di Torino. No Teatro Comunale di Bologna cantou Sansão e Dalila e Rigoletto. No Teatro La Fenice di Venezia, Massimo di Palermo, Arena di Verona, San Carlo di Napoli e teatro Petruzzelli di Bari, cantou Madame Butterfly.

Na Arena di Verona, participou na Gala de Plácido Domingo sob sua direção. Seguidamente, e ainda sobre a direção de Domingo, cantou Aida em Tokyo.

Voltou ao Petruzzelli di Bari com a Cavalleria Rusticana e cantou o Requiem de Verdi no Festival de Perelada.

Foi Amneris na Aida, no Festival di Taormina, em Taiwan e Schwerin, Giovanna Seymour da Ana Bolena no Teatro Verdi di Trieste e Fenena do Nabucco, em Bilbao, personagem que representou na temporada do centenário da Arena di Verona.

Foi Maddalena do Rigoletto nos Teatros Reggio di Torino e San Carlo di Napoli.

Cantou a Marchesa da Filha do Regimento, em Trieste; Susuki, na Madame Butterfly, em Cagliari e na temporada do Festival de Torre del Lago, Amneris no Bucarest National Opera House, Fenena em Napoli, Adriana Lecouvreur e Gianni Schicchi no Teatro Filarmonico di Verona.

Recentemente cantou Falstaff no circuito da Fundação de teatros di Piacenza e Il Tabarro na Filarmonico di Verona.

### **Marco Alves dos Santos**

Licenciado pela Guildhall School of Music & Drama (bolseiro Gulbenkian) apresentou-se em papéis como Tamino (Zauberflöte), Ernesto (Don Pasquale), Anthony (Sweeney Todd), Duca (Rigoletto), Die Hexe (Hansel & Gretel), Prunier (La Rondine), Almaviva (Barbiere di Seviglia), Acis (Acis & Galatea), Male Chorus (Rape of Lucretia), Ottavio (D.Giovanni), entre outros. Em concerto destacou-se em Recitant (L'enfance do Christ), Evangelista nas Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão S.S.J oão (Bach), a 9ª Sinfonia (Beethoven), Messiah (Handel), Petite Messe (Rossini), Requiem e Missa da Coroação (Mozart), Serenade for horn and strings (Britten).

Compromissos em 2019/20 incluíram, “La bonne chanson” (Fauré), Magnificat e Johannes Passion (Bach), o Te Deum (Bruckner) e Nemorino (Elisir d'Amore), Conde (Trilogia das Barcas), Ferrando (Cosi Fan Tutte), entre outros.

### **André Henriques**

Nasceu em Lisboa e conclui o curso de canto da Escola de Música do Conservatório Nacional, na classe do professor António Wagner Diniz.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, completou o MA em Opera Performance, na Royal Welsh College of Music and Drama, com os professores Donald Maxwell e Michael Pollock. Participou em masterclasses com John Fisher, Susan Bullock, Kathryn Harries, Anne Schwanewilms, Lucia Mazzaria, David Santos e João Paulo Santos.

No domínio da ópera, interpretou Guglielmo (Cosi Fan Tutte), Masetto (Don Giovanni) e Figaro (Le Nozze di Figaro), com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Foi Brundibar, na ópera homónima no Tivoli BBVA e TNSC, Mufti (Le Bourgeois Gentilhomme, Miguel Jalôto), Domestico de Lady Macbeth/ Un Sicario (Macbeth, Teatro Nacional de São Carlos), Sargeant (The Pirates of Penzance, Coral de São José). No programa ENOA, com Cláudio Desderi e Yin Chen Lin, foi Filiberto (Il Signor Bruschino) e Gianni Schicchi (Gianni Schicchi), na Fundação C. Gulbenkian. Para além disto, interpretou o Gran Sacerdote di Bello (Nabucco, TNSC), Fiorello (Barbiere di Siviglia, Ginásio Ópera), Peter (Hänsel e Gretel, dir. Nuno Côrte Real), Cadmus (Semele, Nicholas Cleorbury), Polifemo (Acis e Galatea, Leonardo Garcia Alarcon), Figaro (na estreia mundial de Beaumarchais de Pedro Amaral), Fernando na estreia moderna da ópera Ines di Castro, dirigida por João Paulo Santos), Dandini (La Cenerentola, dir. David Jones), Papageno (Die Zauberflöte, dir. Gareth Jones, enc. Martin Constantine).

Recentemente, criou o papel de Macaco na ópera A Canção do Bandido, de Nuno Côrte- Real/Pedro Mexia.

Cantou ainda, com a orquestra da Welsh National Opera e com direcção de Carlo Rizzi, o papel titular de Gianni Schicchi.

Em concerto e oratório, cantou as partes de baixo-barítono das Liebeslieder Walzer de Brahms, no Festival de Música de Sintra, com João Paulo Santos e Olga Prats, Magnificat de C.P.E Bach e Ein höher tag de Homilius, Jephthe de Carissimi, Te Deum de Charpentier,

excertos de Manfred, de Schumann (dir. Pedro Neves) Messiah, de Handel, a Paixão Seg. São João, de J. S. Bach, Missa de João Domingos Bomtempo, 9ª Sinfonia de Beethoven (TNSC, dir. Joana Carneiro), Stabat Mater de Rossini e ainda o solo do Stabat Mater de Szymanowski (no St. David's Hall). No âmbito da Música Antiga, apresenta-se regularmente com o ensemble Avres Servas, dirigido por Nuno Oliveira.

### **Cristóvão Luiz**

Natural de Lisboa, estudou violino com Klàra Erdei e piano com António Ferreira e António Toscano. Licenciou-se na ESMAE (Porto) com Sofia Lourenço e Luísa Tender, trabalhando também com Markus Groh na HMT-Hannover. Participou em masterclasses com Sequeira Costa, Tania Achet, Fernando Puchol e Markus Tomas. Obteve o Prémio de Interpretação Helena Sá e Costa em 2005. Colaborou em projectos artísticos com Thierry Barbé, David Heyes, Cesário Costa, António Saiote, Iva Barbosa, Vítor Faria, Klara Rundel, Quarteto Vintage de Clarinetes, José Eduardo Gomes, Ana Ferraz, Julien Beaudiment e Michel Bellavance, entre outros. Músico-convidado da Orquestra Sinfónica do Porto e Còro Casa da Música. Desde 2005 é pianista-acompanhador no Conservatório de Música do Porto

### **NOTAS AO PROGRAMA**

Gioachino Antonio Rossini (1792-1868) foi um dos mais famosos compositores do seu tempo (conhecido até em Calcutá, como escrevia Stendhal!). O seu fervor rítmico, a sua inesgotável inventividade melódica e uma perceção agudíssima da sensibilidade do seu tempo tornaram-no astro de inexcelsa grandeza, para desespero e incredulidade de músicos como Beethoven ou Wagner. O corpo mais importante da produção rossiniana é um conjunto de 39 óperas, repartidas pelos mais diversos géneros, mas o compositor deixou-nos ainda uma vastíssima produção de música sacra e de música de câmara. Da sua música sacra destacam-se títulos como *Messa di gloria*, *Tantum ergo*, *O salutaris hostia*, *Petite Messe Solennelle* – e ainda o *Stabat Mater* que hoje ouviremos neste Festival tão marcado pela figura da Virgem Dolorosa.

A obra de Rossini baseia-se na estrutura tradicional do *Stabat Mater*. Iniciada em 1831, mas só terminada após dez anos, foi composta numa segunda fase da carreira, pouco depois de o autor se ter retirado do

mundo da ópera. Em 1831 Rossini viajava por Espanha e aí Fernández Varela encomendou-lhe uma versão do tradicional texto litúrgico do Stabat mater. Rossini conseguiu completar parte da sequência em 1832, mas a saúde impossibilitou-o de completar a encomenda. Tendo apenas escrito metade da partitura (nos. 1 e 5–9), pediu ao seu amigo Giovanni Tadolini para compor seis andamentos adicionais e apresentou a obra completa a Varela como se apenas sua fosse. Esta versão foi estreada no Sábado Santo de 1833 na Capela de San Felipe el Real em Madrid.

Depois de Madrid, não voltou a ser apresentada porque após uma embrenhada questão legal por causa da publicação Rossini finalizou a obra em 1841, substituindo a música de Tadolini. Esta versão inteiramente rossiniana do Stabat Mater foi executada na íntegra pela primeira vez em Paris na Salle Ventadour do Théâtre des Italiens, a 7 Janeiro de 1842, com um elenco que contava com as gloriosas vozes de Giulia Grisi (soprano), Emma Albertazzi (mezzo-soprano), Mario (tenor), e Antonio Tamburini (barítono). Esta estreia constituiu um triunfo. Há relatos que nos dizem que o nome de Rossini era gritado durante os aplausos. Em Março desse mesmo ano Gaetano Donizetti dirigiu a estreia italiana em Bolonha com igual entusiasmo do público e aí o quarteto de solistas incluía Clara Novello (soprano) e Nikolay Ivanov (tenor). Esta Clara Novello foi aplaudidíssima em Lisboa na década de 40 do século XIX. O anúncio da estreia deste Stabat Mater provocou um artigo muito amargo de Wagner, na altura em Paris. Assinou-o como "H. Valentino" e nele escrevia que achava incompreensível a popularidade de Rossini. Apesar de a obra ser marcadamente diferente das suas composições profanas, os críticos da Alemanha do Norte, tal como nos diz Heinrich Heine num ensaio sobre Rossini, criticaram a obra porque era "demasiadamente mundana, sensual e exuberante para um tema religioso." Tal como depois, os mesmos alemães, diriam da Messa da Requiem de Verdi.

O Stabat Mater rossiniano é escrito para o usual quarteto de solistas vocais (soprano, mezzo, tenor, baixo), coro misto e orquestra com trompetes, tímpanos, trombones e cordas.

Escrita em 1841 para tenor solo, a seção andantino maestoso "Cuius animam", com a sua melodia tão memorizável e "operática" é muitas vezes executada como trecho autónomo em concertos e recitais por ser veículo excepcional para qualquer tenor exhibir a sua técnica de bravura.

Jorge Rodrigues.



# MUNICÍPIO DE GUIMARÃES



ARCPRESTADO  
DE GUIMARÃES E VIEIRA



PAÇO DOS  
DUQUES



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

CULTURA  
NORTE



UNIDADE PASTORAL  
EUCARISTÍCA DO PAÍS



MUSEU E BARRIO  
MUSEUM



Santa Casa 500 Anos  
500 ANOS